

*"A demanda do saber deve encontrar um saber sobre a demanda: Discurso do analista. Ao situar o saber no lugar da verdade, o discurso analítico remete a causa e mantém o enigma, impondo a este um imperativo ético de ser (bem) dito: em vez do falar, a fala."*

Ari Roitman

A histeria se apresenta como um enigma ao saber médico vigente no século XIX, de cunho estritamente positivista. Como a esfinge, ela lhe lança uma pergunta que remete a ciência médica a um auto questionamento. A partir desse enigma revela-se uma lacuna a ser cartografada.

Cartógrafos inábeis dispõem-se à tarefa utilizando-se de mapas que se referem a continentes próprios, sem se darem conta de que a histeria fala de um continente negro, nunca dantes percorrido. É neste cenário de desencontros que surge alguém disposto à travessia. **"Eu não conhecia outro anseio a não ser o da percepção filosófica, e agora estou em vias de realizá-lo, à medida que me encaminho da medicina para psicologia."**

Freud volta seus olhos para a histeria na medida em que ela apresenta uma lacuna na sua modalidade de operar o desejo. É o desejo do outro que ela mobiliza para uma cartografia, talvez por que aponte, por sua própria estrutura, para a condição essencial do desejo humano: a de ser "desejo do outro", no dizer de Lacan.

## Escutar (r) Dora

Resenha de Chaim Samuel Katz (org.),  
**A Histeria - O caso Dora: Freud, Melanie Klein, Jacques Lacan**  
Rio de Janeiro, Imago Editora, 1992, 218 p.

Freud identifica nestas lacunas as hiatos que o seu conhecimento médico continha. Adentra, assim, neste continente negro.

Neste mapeamento, Freud conta com instrumentos ainda de feição positivista, apesar de seu empenho. Nesta trilha, ele se encontra com Dora, a quem se refere em carta a Fliess: **"Este tem sido um período animado e me trouxe uma nova paciente, uma jovem de dezoito anos que se abriu suavemente com a coleção existente de gazetas."** Posteriormente, ele escreve novamente a Fliess e acrescenta que **"o caso é uma histeria com tussis nervosa e afonia que pode ser remetido às características de uma chupadora de polegar..."**

O Caso Dora foi e continua sendo um grande paradigma da Psicanálise. Por muito tempo, e ainda hoje, lêem-se obras, ensaios e pequenos textos cujo foco fundamental reside no apontamento do engano transferencial cometido por Freud no seu percurso com Dora.

Chaim Samuel Katz, no entanto, recorre a algo muito mais criativo, dando de fato uma contribuição à Psicanálise. O resultado desta contribuição pode ser percebido claramente nesta obra por ele organizada, onde se tem a impressão de que o texto freudiano foi tomado como um pris-

ma. Todavia, o mérito não reside nesta apreensão, pois um prisma, mesmo neste caso, é apenas o que é: um prisma; é o olhar que sobre ele incide que reflete sua pluralidade.

O organizador e Joel Birman (freudianos), juntamente com Luiz Meyer (kleiniano) e Ari Roitman, Elizabeth Tolipan, Paulo Becker e Diana Mariscal (lacanianos), projetam sobre "Fragmento da Análise de um Caso de Histeria" um foco luminoso capaz de produzir feixes que apontam para diversos lugares da Psicanálise.

**"A Histeria - O Caso Dora"** apresenta não só aspectos concernentes à própria histeria enquanto campo de prática e investigação psicanalítica, mas também mostra o caso Dora a partir dos diferentes referenciais teóricos nos quais a Psicanálise está cindida, numa tentativa de favorecer o reconhecimento das diferenças entre estas linhas. Os conceitos teórico-clínicos das psicanálises freudiana, kleiniana e lacanianas vão deslizando pelo texto e encontrando um lugar possível, além, é claro, de se organizar de forma a funcionar como parecerem novos prismas. Ao serem iluminados pelo leitor, estes produzem um efeito. Cada um dos

referenciais apresentados vai construindo um cenário onde Dora é incluída. Chaim nos mostra Dora como uma espécie de "musa inspiradora" da Psicanálise. É como se no corpo erógeno de Dora, além das suas possibilidades encobertas, estivessem também as da Psicanálise.

Luiz Meyer fala de Dora como uma **"chupadora de polegar"**, imagem que funciona como um elemento imantatório para seus comentários. Enfatizando um perfil de Dora traçado segundo a característica oral, associando a esta o quadro histórico. **"Esta oralidade pode ser vista como uma estruturação do aparelho psíquico e relações de objeto pré genitais impregnados pela oralidade"**. É a partir do universo dos conceitos kleinianos que o autor passa a situar os sintomas de Dora e a comentar as análises de Freud sobre o caso. Segundo Meyer, o que **"surge do 'Fragmento' é uma Dora constantemente invasiva e manipuladora, 'infiltrada' pela figura combinada pré-genital, desprotegida de um casal interno integrador: afinal, nenhuma das**

relações por ela figurada (pai-mãe; Herr K.-Frau K.; Pai-Frau K.) é modelo de relação amorosa. Dora se apresenta como participante de uma cena onde sempre imperam agressão, violência e hipocrisia, sem poder apreender o quanto esta é produto de sua forma de conceber projetivamente o objeto e de seu modo de relacionar-se com ele. Deslocada para a transferência, esta dinâmica só pode, aos olhos de Dora, tornar Freud pouco confiável.”

Os trabalhos dos membros da Escola da Letra Freudiana do Rio de Janeiro incluem Dora a partir de temas como a pergunta fundamental: “o que é ser mulher?” (Ari Roitman), ou da indagação sobre o desejo da histérica, que remete ao esclarecimento “do que quer uma mulher” (Elizabeth Tolipan). Propõe também questionamentos a respeito do sintoma e de seus ganhos primário e secundário (Paulo Becker), e ainda percorrem o “universo discursivo”; num estudo sobre o discurso histórico (Ana Mariscal).

O que se pode alinhar em todos os textos de referencial lacaniano é uma Dora a quem, fundamentalmente, ocorre a pergunta: “o que é ser uma mulher?”, mas que não pode sustentar seu próprio desejo, nem tampouco sustentar-se como objeto de desejo. Em suma, uma “pergunta-dora” que não quer ver sua pergunta respondida. Quer continuar perguntando.

Birman desenvolve seu trabalho recorrendo principalmente àquilo que denota uma importância bastante rica na teoria freudiana: a característica literária de seu texto. Propõe que o caso Dora não é apenas um excelente texto para aqueles que querem se deter em questões da Psicanálise, mas também para os que querem “se aventurar literalmente pela cartografia do imaginário do início do século”. Ele se refere, assim, à necessidade de uma recorrência na leitura que leve em consideração o aspecto histórico como um dos determinantes do psiquismo. Este seria um elemento componente da transferência.

O aspecto histórico, abordado por Birman, torna absolutamente significativa e indispensável a consideração circunstancial do trabalho psicanalítico. Isto, em outras palavras, significa consi-

derar a mise-en-scène da linguagem no diálogo com o analista.

Birman afirma que através do conceito de transferência, na sua duplicidade operatória e epistemológica, a Psicanálise sustenta sua razão maior: a superioridade teórica e clínica. O conceito contrapõe a Psicanálise às outras psicoterapias, pois seria pelo manejo deste conceito que a Psicanálise permitiria a interpretação das formas de eficácia, dos impasses e dos limites das demais psicoterapias que trabalham pela sugestão.

Em suma, Birman vai construindo em seu texto uma grande contribuição acerca do caso Dora, sem considerá-lo simplesmente como um relato clínico de Freud marcado pelo fracasso. Esta contribuição se dá justamente a partir da criatividade aplicada ao “erro” de Freud.

Estas questões, abordadas de forma bastante clara e pontual através dos diferentes referenciais teóricos vão, inevitavelmente, demarcando nuances específicos da transferência, caracterizando aquilo que parece ser a indagação fundamental do analista.

Desta forma, o valor do livro organizado por Chaim Samuel Katz se marca justamente pela diversidade, essência do pensamento psicanalítico, operando aí uma ruptura fundamental com o pensamento positivista. O livro oferece a possibilidade de se conhecerem diferentes referenciais teóricos a partir do caso Dora, tornando-se assim um instrumento indicativo da impossibilidade de uma escuta unívoca: premissa necessária para se pensar a histeria e a própria Psicanálise na contemporaneidade.

**Maria Inês Giora e Wilson Klain**  
Psicanalistas, Membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.